

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CÂMPUS GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO FILOSOFIA- BACHARELADO

ELISVALDO DA SILVA RIBEIRO

A DÚVIDA RADICAL E AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS
***MEDITAÇÕES METAFÍSICAS* DE DESCARTES**

GOIÁS-GO
AGOSTO
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES
ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Elisvaldo da Silva Ribeiro

Título do trabalho: "A Dúvida Radical e as Provas da Existência de Deus nas Meditações Metafísicas de Descartes"

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento

[X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica; - Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Julia Sebba Ramalho Morais, Professora do Magistério Superior**, em 15/09/2022, às 12:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº](#)

[10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ELISVALDO DA SILVA RIBEIRO, Discente**, em 15/09/2022, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3192276** e o código CRC **D19DB9A8**.

ELISVALDO DA SILVA RIBEIRO

**A DÚVIDA RADICAL E AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS NAS
*MEDITAÇÕES METAFÍSICAS DE DESCARTES***

Projeto monográfico, apresentado na Universidade Federal de Goiás, Câmpus-Goiás, na Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas, como requisito básico para conclusão do curso de Filosofia Bacharelado.

Linha de Pesquisa: História da Filosofia

Orientador (A): Prof. Dr. Júlia Sebba Ramalho Morais.

GOIÁS-GO

AGOSTO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Ribeiro, Elisvaldo da silva

A dúvida Radical e as provas da existência de Deus nas
Meditações Metafísicas de Descartes [manuscrito] / Elisvaldo da silva
Ribeiro. - 2022.
XLII, 42 f.

Orientador: Profa. Dra. Júlia Sebba Ramalho Morais.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências
Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2022.
Bibliografia.

1. Descartes. 2. Dúvida radical. I. Morais, Júlia Sebba Ramalho,
orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) 2 dia(s) do mês de setembro do ano de 2022, às 15h, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado "A Dúvida Radical e as Provas da Existência de Deus nas *Meditações Metafísicas* de Descartes", de autoria de Elisvaldo da Silva Ribeiro, do curso de Filosofia - Bacharelado, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas (UAECH) da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Profa. Dra. Júlia Sebba Ramalho Moraes (UAECH/UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof. Dr. José Jivaldo Lima (UAECH/UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **9,5**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Julia Sebba Ramalho Moraes, Professora do Magistério Superior**, em 02/09/2022, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Jivaldo Lima, Professor do Magistério Superior**, em 02/09/2022, às 16:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3162685** e o código CRC **54284982**.

Referência: Processo nº 23070.048087/2022-91

SEI nº 3162685

RESUMO

O objetivo dessa monografia é analisar a questão da dúvida cartesiana, o descobrimento do *Cogito* e as provas da existência de Deus, que Descartes expõe no decorrer de suas *Meditações*. Toda a nossa pesquisa tem como fundamento a obra *Meditações Metafísicas*, que trata de métodos e fundamentos que nos possibilitam alcançar um conhecimento racional e verdadeiro sobre a prova da existência de Deus. Nosso trabalho é dividido em três capítulos: o primeiro capítulo está voltado para explicar o método da dúvida. Usando este método, Descartes consegue desfazer-se de todo conhecimento, que outrora tinha por constante e verdadeiro. No segundo capítulo, falamos como Descartes expõe a radicalização da Dúvida, que iniciou sua busca por um conhecimento indubitável e verdadeiro. A partir da suposição da existência de um *Gênio maligno*, ou seja, um deus enganador, Descartes consegue descobrir o *Cogito* (“penso logo existo”), a primeira verdade constante dentro de suas *Meditações*, a primeira verdade na ordem das razões, logo após surge o argumento da cera, que possibilita Descartes provar que o espírito humano é mais fácil de conhecer que as substâncias materiais. No terceiro capítulo, abordamos o tema central de nossa monografia, as provas da existência de Deus. Neste capítulo falamos como Descartes demonstra sua prova da existência de Deus, fazemos também um paralelo com as prova da existência de Deus, proposta por Tomás de Aquino, e qual a relação que existe com a prova proposta na filosofia cartesiana. Finalizamos nosso trabalho expondo o princípio de causa e efeito que, será fundamental na construção da prova cosmológica da existência de Deus, sendo o próprio Deus a causa da ideia que temos de Deus, de perfeição, de infinito e de tudo quanto existe no mundo.

Palavras-chave: Descartes; Dúvida radical; Deus.

ABSTRACT

The objective of this monograph is to analyze the question of Cartesian doubt, the discovery of the cogito, and the proofs of the existence of God, which Descartes exposes in the course of his meditations. All our research is based on the work *Metaphysical meditations*, which deals with fundamental methods which allow us to reach a rational and true knowledge about the proof of the existence of God. Our work is divided into three chapters; the first chapter is aimed at explaining the method of doubt. Using this method, Descartes manages to get rid of all knowledge, which he once considered constant and true. In the second chapter, we talk about how Descartes exposes the radicalization of doubt, which started his search for an indubitable and true knowledge. From the supposition of the existence of an evil genius, that is, a deceiving god, Descartes manages to discover the cogito (I think therefore I am), the first constant truth within his meditations, the first truth in the order of reasons, soon after comes the wax argument, which allows Descartes to prove that the human spirit is easier to know than material substances. In the third chapter, we approach the central theme of our monograph, the proof of the existence of God. In this chapter we speak like Descartes, demonstrates his proof of the existence of God, we also make a parallel with the proof of the existence of God, proposed by Thomas Aquinas, and what is the relationship that exists with the proof proposed in Cartesian philosophy. We end our work by exposing the principle of cause and effect that will be fundamental in the construction of the cosmological proof of the existence of God, God himself being the cause of the idea that we have of God, of perfection, of infinity and everything that exists in the world.

Keywords: Descartes; Radical doubt; God.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, a minha família que esteve ao meu lado, me apoiando ao longo desta caminhada.

Aos professores que passaram por minha vida, ao longo destes anos de estudo, me possibilitando o aprendizado.

Quero deixar registrado aqui, meu agradecimento em especial à minha orientadora, Prof.(a), Dra: Júlia Sebba Ramalho Morais, pela orientação, dedicação, compreensão e por ter confiado em minha capacidade para chegar até aqui.

Agradeço também a *Universidade Federal de Goiás*, pelo ensino de qualidade, e gratuito que me foi proporcionado ao longo destes anos de formação.

Obrigado a todos que tiveram sua parcela de contribuição na realização deste sonho. Pois sem vocês não seria possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1- A DÚVIDA NO INTERIOR DA METAFÍSICA DE DESCARTES.....	11
1.1 A dúvida metódica	11
1.2 A dúvida metódica e o argumento dos sentidos e do sonho.....	14
1.3 A radicalização da dúvida: o argumento das matemáticas, a hipótese do Deus enganador e o Gênio Maligno.....	16
CAPITULO 2- FIM DA DÚVIDA GENERALIZADA E O DESCOBRIMENTO DO COGITO.....	20
2.1 A descoberta do cogito	20
2.2 Confirmação da primeira verdade: o cogito como coisa que pensa.....	22
2.3 Argumento da cera: de como é mais fácil conhecer o espírito do que o corpo	24
2.4 A introdução da questão de Deus no argumento cartesiano	25
CAPÍTULO 3- AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS	27
3.1 Tomás de Aquino e as provas da existência de Deus.....	27
3.2 A origem das ideias em Descartes e as prova da existência de Deus.....	29
3.3 A prova cosmológica da existência de Deus, fundada sobre o princípio de causalidade, em Descartes.....	32
3.4 Relações da prova de existência de Deus, em Descartes, com a prova de Tomás de Aquino da causa eficiente	35
3.5 Argumento ontológico: a terceira prova da existência de Deus em Descartes.....	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

O filósofo René Descartes, nasceu em 1596, no século XVI, em uma província francesa e faleceu em 1650, em Estocolmo na Suécia, em uma de suas viagens a convite da rainha Cristina. A filosofia cartesiana, se desenvolveu em um período conturbado de crise nas ciências e na religião. Existiam duas correntes filosóficas em sua época, de um lado estavam os dogmáticos que defendiam a existência de Deus como uma verdade, e do outro lado estavam os céticos que acreditavam ser impossível alcançar um conhecimento verdadeiro, pois afirmavam que os sentidos humanos eram enganosos, e não poderiam ser fonte de conhecimento.

Toda a pesquisa sobre a filosofia de Descartes, desenvolvida neste trabalho monográfico, terá como fundamentação a obra *Meditações Metafísicas*, em que Descartes propõe uma reconstrução dos pilares do conhecimento humano, através de uma demonstração racional sobre a existência de Deus. A obra está subdividida em seis meditações. É no interior das meditações que Descartes desenvolve seu racionalismo e demonstra ser possível alcançar um conhecimento, indubitável e verdadeiro a partir do próprio método da dúvida. Descartes acredita ser a Metafísica, a raiz e fundamento de toda a árvore do conhecimento humano. A filosofia cartesiana tem por característica, seu caráter racional, propondo uma análise de como é concebido todo o conhecimento humano. Descartes demonstra na Primeira Meditação que os sentidos humanos são enganosos e que grande parte do nosso conhecimento, nós adquirimos através dos sentidos. Partindo dessa ideia que os sentidos humanos são enganosos, propõe a suspensão total do juízo através do método da dúvida. No final da Primeira Meditação, Descartes propõe uma radicalização de sua dúvida, quando introduz a figura de um gênio maligno, ou um deus enganador que faz com que ele se engane até mesmo quanto às verdades matemáticas, que acreditava ser o único conhecimento indubitável e verdadeiro, por se tratar de coisas muito simples, as quais não teria como duvidar.

Com o método da dúvida radical, Descartes se desfez de todo o conhecimento que tinha por juízo; este método lhe proporcionou a suspensão total de seu juízo de suas crenças, restando-lhe apenas o pensamento como atributo de sua natureza. A partir da dúvida radical, Descartes descobre a existência do *Cogito* (“penso logo existo”). Seguindo o método dos geômetras, Descartes acredita ser possível sair de sua substância mais elementar, ou seja, sua substância pensante até chegar à existência das substâncias compostas. Partindo do princípio de causa e

efeito, Descartes se propõe a demonstrar por meio de uma inspeção do espírito, um conhecimento racional sobre a existência de Deus e de tudo quanto existe no mundo. Descartes acredita que existe algo externo ao seu próprio ser pensante e que é causa de sua existência e de todas as coisas que joga existentes no mundo.

Portanto o tema da presente monografia é, “A dúvida radical e as provas da existência de Deus nas *Meditações Metafísicas* de Descartes”. Abordaremos neste trabalho como Descartes propõe demonstrar a existência de Deus a partir do método da dúvida.

No primeiro capítulo irei abordar a dúvida no interior das *Meditações Metafísicas* de Descartes, mostrando como foi desenvolvido o método da dúvida, uma vez que esse método foi fundamental para que Descartes se desfizesse de todo conhecimento que recebeu ao longo de sua vida. O método da dúvida possibilitou a Descartes a suspensão total do juízo, pois acreditava que para fundar um novo edifício do saber humano, não poderia dar crédito a nenhum conhecimento antes que este houvesse passado todos eles pelo crivo da dúvida.

No segundo capítulo, falaremos sobre o fim da dúvida generalizada e o descobrimento do *Cogito*. A dúvida generalizada, ou dúvida radical, ficou conhecida dentro das *Meditações* como aquela que introduziu a figura de um Deus enganador e de um gênio maligno que nos engana, indagando até mesmo sobre a existência das verdades matemáticas. Descartes afirma que por mais que esse deus lhe engane, jamais fará com que ele nada seja enquanto ele pensar ser alguma coisa. Surge então o *Cogito*, (“penso logo existo”).

No terceiro capítulo, que tem por título: “As provas da existência de Deus”, falamos sobre as duas provas da existência de Deus, propostas por Descartes: a cosmológica e a ontológica. No primeiro momento, falamos como Descartes demonstra, pelo princípio de causa e efeito, se chegar à existência de Deus, esta prova foi denominada de “prova cosmológica da existência de Deus”. No segundo momento, veremos as prova da existência de Deus de Tomás de Aquino, que segue o mesmo princípio de causa e efeito, e posteriormente, falaremos sobre a prova ontológica da existência de Deus, onde se é demonstrado que a partir da ideia que temos de Deus é inferida sua existência.

CAPÍTULO 1- A DÚVIDA NO INTERIOR DA METAFÍSICA DE DESCARTES

A dúvida exerceu um papel metodológico dentro da filosofia cartesiana, uma vez que, possibilitou a Descartes buscar um novo conhecimento no campo de estudo da *Metafísica* e tornou possível uma análise criteriosa de todo o edifício do conhecimento humano. Também proporcionou a Descartes o poder de revisar todo o conhecimento que recebeu como verdadeiro ao longo de sua vida. Descartes estabeleceu por critério de verdade que todo conhecimento que se mostrar passível de dúvida, já é suficiente para ser rejeitado enquanto conhecimento, não podendo ser este conhecimento fonte da verdade. Desse modo Descartes utilizou o método da dúvida, como um meio para obtenção de um conhecimento indubitável e verdadeiro. A dúvida propriamente dita é o princípio do pensamento humano, segundo Aristóteles: a dúvida é o princípio da sabedoria. A dúvida pode ser compreendida como a racionalização do ser pensante, pois o conhecimento humano só se dá pela concordância e discordância entre as ideias.

1.1 A dúvida metódica

Para compreendermos a filosofia cartesiana e a Metafísica que Descartes propõe em seu racionalismo, é preciso entender a obra *Meditações Metafísicas*, onde Descartes expõe e fundamenta toda sua filosofia e sua estruturação, em sua busca por um conhecimento indubitável e verdadeiro. Em sua obra *Discurso do método*, Descartes expõe que seu objetivo é alcançar um conhecimento indubitável e verdadeiro e expõe qual vai ser o método que ele vai usar pra desenvolver sua filosofia racionalista. Mas, é na Obra *Meditações Metafísicas* que Descartes coloca em prática o método da dúvida, método este que irá possibilitar uma análise de todo edifício do saber, em sua busca por um conhecimento indubitável e verdadeiro. Para fundamentar e justificar seu novo método de conhecimento, Descartes escreve em sua Primeira Meditação dentro de sua obra *Meditações Metafísicas*:

Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que me proporcionei um repouso assegurado numa aprazível solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em Destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. (DESCARTES, 2011, p.30).

Desfazer-se de antigas opiniões, segundo Descartes, é o melhor caminho para fundar um novo edifício do saber, assim, temos que nos desfazer de todo conhecimento que

outrora tínhamos por constante e verdadeiro. A suspensão do juízo será fundamental para a fundação de sua Metafísica. Para estabelecer um conhecimento indubitável e verdadeiro, devemos duvidar de tudo, não dar crédito a nenhum conhecimento que não tenha passado por uma análise da razão, por meio do método da dúvida.

Para bem compreendermos a questão das provas da existência de Deus e sua relação com o *Cogito* - tema da nossa pesquisa - é preciso considerar que no período em que se desenvolveu a filosofia cartesiana, duas correntes filosóficas exerciam grande influência sobre os escritos de sua época. De um lado estava a corrente filosófica dos dogmáticos que se destacava no ensino em colégios jesuítas - o próprio, Descartes recebeu sua formação em um colégio jesuíta. E de outro lado, estava a corrente filosófica dos céticos, que se destacava por suas diferentes ramificações, sendo as principais, ceticismo antigo, e ceticismo moderno, alguns de seus representantes que tiveram maior relevância para Descartes, foram: *Pirro de Élis* (c.360-275) e *Sexto Empírico* (c.200), principais representantes do ceticismo pirrônico e *Michel de Montaigne* (1533-1592) e *Pierre Charron* (1541-1603), alguns dos mais importantes representantes do ceticismo acadêmico, no período em que Descartes desenvolvia seus escritos. Antes de compreendermos mais especificamente como podemos analisar a filosofia cartesiana em relação com estas correntes filosóficas, vejamos mais de perto a definição dos termos: dogma, dogmatismo e ceticismo. Segundo o dicionário *Abbagnano*, dogma é:

Opinião ou crença. Nesse sentido, essa palavra é usada, por Platão (Rep.,538 C; LEIS, 644d). [...] Decisão, juízo e, portanto, decreto ou ordem. Nesse sentido, essa palavra foi entendida na antiguidade (CÍCERO, Acad. IV, 9; SÊNECA Ep.,94) para indicar as crenças fundamentais das escolas filosóficas, e depois usada para indicar as decisões dos concílios e das autoridades eclesiásticas sobre as matérias fundamentais da fé. (Abbagnano, 1901-1990, p292-293).

A partir da leitura do Dicionário *Abbagnano*, temos que dogma se refere às teses desenvolvidas pelas escolas filosóficas e indicam também as crenças fundamentais sustentadas por um indivíduo. Nesta linha, dogmatismo significa um conjunto de crenças tomadas como verdadeiras e indiscutíveis e, segundo Kant, significa um conhecimento puro, baseado em princípios *a priori*, uma verdade absoluta, mesmo sem qualquer verificação empírica. Neste contexto, o filósofo Kant faz uma distinção, entre filosofia dogmática e dogmatismo em sua obra, *Crítica da Razão Pura*, no prefácio da 2º edição, Kant escreveu:

A crítica não se opõe ao procedimento dogmático da razão no seu conhecimento puro, enquanto ciência (pois esta é sempre dogmática, isto é estritamente demonstrativa, baseando-se em princípios a priori seguros), mas sim ao dogmatismo, quer dizer, à presunção de seguir por diante apenas com um conhecimento puro por conceitos (conhecimento filosófico), apoiado em princípios, como os que a razão desde há muito aplica, sem se informar como e com que direito os alcançou. (Kant, 2001, p.30).

Assim, o dogmatismo, na visão de Kant, indica um tipo de concepção que não possui uma crítica prévia e uma avaliação de suas premissas e justificativas racionais, mas ele não se opõe, entretanto, ao simples procedimento dogmático, que é estritamente demonstrativo e racional, no entender de Kant.

A partir da leitura do Dicionário *Abbagnano* (1901-1990, p.292), podemos estabelecer que ceticismo é o oposto do dogmatismo, enquanto o dogmatismo indica uma crença em uma só verdade absoluta, o ceticismo busca por meio da dúvida, a suspensão do juízo, uma verificação para saber se de fato tal crença é verdadeira, não firmando sua opinião.

Neste contexto, podemos compreender que a filosofia cartesiana possui um viés de procedimento dogmático, segundo a definição kantiana, uma vez que Descartes desenvolve uma argumentação racional, buscando se apoiar em princípios puros, no entanto, encontraremos também na filosofia cartesiana um viés cético. Assim, a dúvida vai exercer um papel fundamental dentro do método cartesiano que visa fundar um conhecimento indubitável e verdadeiro. Porém, é preciso destacar que o método da dúvida não vai permanecer ao longo das seis meditações, essa dúvida será temporária no decorrer da suspensão de todo o conhecimento, que recebemos pelo senso comum e que outrora acreditávamos ser verdadeiro e indubitável e a suspensão de conhecimentos que recebemos por parte dos sentidos até o estabelecimento das primeiras verdades. Desse modo, não podemos dizer que Descartes se filia a um tipo de ceticismo radical do tipo pirrônico, por exemplo, que afirmava que o ser humano é incapaz de chegar a uma verdade pronta e definitiva, mas, antes, desenvolve seu ceticismo de modo metodológico, como um meio para se alcançar uma verdade indubitável.

Assim, em sua obra *Discurso do Método*, onde Descartes sistematiza e fundamenta todo seu empreendimento de fundar um novo conhecimento, Descartes escreveu, dizendo sobre algumas etapas e regras para que qualquer pessoa possa alcançar um conhecimento verdadeiro:

A primeira regra estipula não aceitar nada como verdadeiro, sem antes ter passado pelo crivo da razão. Isto se traduz por uma atitude que evite “a

precipitação e a prevenção’’ ou seja, que o pensamento não seja tomado por paixões ou se deixe guiar por preconceitos. (Discurso Método, 2009, p.21).

A dúvida se destaca como uma das principais características deste novo método que Descartes está fundando. A dúvida propriamente dita vai exercer um papel metodológico na fundamentação deste novo conhecimento racionalista. Sendo a dúvida tão fundamental para o processo de estruturação dentro deste novo conhecimento racionalista que Descartes está propondo, vamos falar sobre uma possível definição desta palavra que vai fundamentar a filosofia cartesiana racionalista. Segundo o dicionário filosófico *Abbagmano*, dúvida é:

Um estado subjetivo de incerteza, ou seja, uma crença ou opinião não suficientemente determinada, ou a hesitação em escolher entre a asserção da afirmação e a asserção da negação: na situação objetiva de indeterminação ou a problematidade de uma situação: seu caráter de indecisão em relação ao possível êxito ou à possível solução. (Abbagmano, 1901-1990, p 296).

Como podemos ver, a dúvida exerceu um papel fundamental na filosofia cartesiana, foi usada como um dos principais métodos de obtenção de conhecimento dentro de sua obra *Meditações Metafísicas*. Toda fundamentação das seis meditações se desenvolve através do método da dúvida, método este que exerceu um papel fundamental no processo de suspensão de conhecimentos que até então Descartes tinha por juízos de verdadeiros e indubitáveis. Conhecimentos estes que até então eram advindos por meio dos sentidos, e que outrora eram concebidos por constantes e verdadeiros.

1.2 A dúvida metódica e o argumento dos sentidos e do sonho

A dúvida metódica é fundamental para que se descubra algo de novo dentro do campo das ciências e do conhecimento humano, seja no campo das ciências aplicadas ou no campo da metafísica.

A dúvida cartesiana exerceu um papel metodológico fundamental para a reestruturação dos pilares do conhecimento humano. A dúvida metódica tem por característica a universalidade, ou seja, possibilita sua aplicação a todo e qualquer conhecimento, seja ele proveniente do senso comum ou fruto de um discurso, ou doutrina filosófica. A filosofia cartesiana surge em meio a uma crise no campo do conhecimento humano, onde cada corrente filosófica tenta estabelecer sua verdade. Segundo Descartes, não se pode fundar um novo edifício do saber humano sobre uma antiga opinião, ou fundamentar um novo conhecimento

sobre antigas doutrinas filosóficas que fundamentavam o conhecimento das correntes de pensamento de sua época. Descartes tinha por objetivo, desse modo, estabelecer um conhecimento indubitável e verdadeiro, que não fosse passível de dúvida para fundamentar sua Metafísica. Descartes demonstra, todavia, que não é preciso refutar todo e qualquer conhecimento em particular, pois seria uma tarefa árdua e infinita, mas argumenta que o grande problema da crise no edifício do saber está em como é concebido todo conhecimento humano.

Para estruturar e fundamentar um novo edifício do conhecimento humano, é preciso questionar os princípios, pelos quais se é concebido o conhecimento humano. Segundo a corrente filosófica dos céticos, os sentidos humanos são enganosos e por isso é impossível ao homem chegar à verdade sobre as coisas. Descartes fala que grande parte do conhecimento que temos é proveniente dos sentidos humanos e se lembra de ter sido enganado pelos sentidos algumas vezes e escreve dizendo em sua Primeira Meditação:

Tudo o que recebi, até presente como o mais verdadeiro e seguro, o aprendi-o dos sentidos ou pelos sentidos: ora, algumas vezes experimentei que tais sentidos eram enganadores, e é de prudência jamais confiar inteiramente naqueles que uma vês nos enganaram. (Descartes, 2011, P.31).

O argumento dos sentidos tem por objetivo mostrar a relação da percepção, por parte dos sentidos, com a existência das coisas materiais. Após analisar que os sentidos humanos às vezes se mostram confusos e enganosos, Descartes afirma que para se alcançar um conhecimento indubitável e verdadeiro, é preciso fundar todo edifício do saber sobre princípios que não sejam passíveis de dúvida como os sentidos humanos são. Em seu empreendimento de fundar um novo edifício do saber, Descartes propõe se desfazer de todo conhecimento que até então trazia consigo, para fundar um novo conhecimento no campo das ciências, para fundamentar a metafísica como conhecimento indubitável e verdadeiro. Em sua obra *Discurso do Método*, Descartes deixa evidente sua pretensão quando diz:

Assim meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem-conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira conduzi a minha. Os que se metem a dar preceitos, devem se julgar mais hábeis que aqueles a quem os dão; e, se falham na menor coisa, merecem ser criticados. (Descartes, 2009, p.39).

Descartes coloca à prova todo conhecimento que recebeu por intermédio dos sentidos, pois alega então que ao menor sinal de dúvida já é suficiente para rejeitar como conhecimento indubitável e verdadeiro.

Após duvidar dos sentidos, Descartes segue em sua argumentação com o método da dúvida e analisa o sonho. Com o argumento dos sonhos, Descartes supõe pôr à prova a existência de todas as coisas e até mesmo de sua existência e da existência de sua substância corpórea, pois como poderia ter certeza de que não está sonhando ou acordado? Para fundamentar sua dúvida em relação aos sentidos serem enganosos, e os sonhos serem ou não enganosos, Descartes escreve em sua obra *Meditação Metafísicas*:

Quantas vezes aconteceu-me sonhar à noite que estava neste lugar, que estava vestido, que estava junto ao fogo, embora estivesse todo nu em minha cama?
(Descartes, 2011, p.32-33).

Com o argumento dos sonhos, Descartes reforça a ideia de que o conhecimento humano não deve ser fundado sobre o princípio dos sentidos humanos, pois esses sentidos se mostram algumas vezes confusos e, por isso, não podem fundamentar nosso conhecimento. Ao estabelecer uma dúvida, formulamos uma hipótese de contingência, ou seja, algo que é ou se apresenta de determinada forma, mas poderia ser o caso de não ser desta forma. Os grandes feitos na história da humanidade se deram em virtude da existência de pessoas, que duvidaram de algumas verdades pré-estabelecidas e, motivadas pela dúvida, desenvolveram métodos que os possibilitaram provar que estas verdades não eram tão consistentes e verdadeiras como se pensava.

1.3 A radicalização da dúvida: o argumento das matemáticas, a hipótese do Deus enganador e o Gênio Maligno

A dúvida metódica se radicaliza por chegar ao extremo como método de obtenção de conhecimento, a ponto de quase ultrapassar o limite da dúvida propriamente dita para o campo do ceticismo.

Uma das principais características que diferencia a dúvida radical do ceticismo é que a dúvida é um método usado com um objetivo específico, ou melhor, possui um fim último no processo de obtenção de conhecimento, colocando à prova a existência das coisas materiais e até mesmo da própria substância corpórea. Este método da dúvida é usado para se desfazer

de conhecimentos que acreditamos conhecer com tanta clareza e distinção que se continuássemos no campo da dúvida convencional, diríamos que tal conhecimento não poderia ser contingente, pois é evidente aos nossos sentidos sua existência e não teríamos como pôr à prova tais coisas que se mostram aos nossos sentidos.

Descartes expõem que a partir da dúvida metódica e da análise do conhecimento, que outrora tínhamos por constante e verdadeiro, descobrimos que a existência do mundo sensível, e até mesmo de nossa substância corpórea, pode se tratar apenas de uma ilusão. Segundo Descartes, nossa realidade pode se tratar apenas de uma mera semelhança do que é real e verdadeiro.

Após o argumento dos sonhos e o argumento dos sentidos, Descartes descobre que somente as verdades matemáticas ainda poderiam ser consideradas como um conhecimento seguro e verdadeiro, restando apenas o conhecimento da aritmética e da geometria, pois se tratavam de conhecimentos muito simples e gerais, os quais não poderiam ser duvidosos.

Para fundamentar acerca dos conhecimentos da aritmética e a geometria Descartes escreveu em sua primeira meditação:

Pois, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois mais três formaram sempre o número cinco, e o quadrado nunca terá mais do que quatro lados, e não me parece possível que as verdades tão patentes possam ser respeitadas de alguma falsidade ou incerteza. (Descartes, 2009, p.19).

Após o estabelecimento da dúvida metódica, Descartes já havia submetido à prova quase todas as coisas existentes no mundo, restando apenas como conhecimento indubitável e verdadeiro as verdades matemáticas e geométricas, as quais Descartes não poderia afirmar e nem negar sua existência no mundo. Sendo o conhecimento matemático o último conhecimento indubitável e verdadeiro que restou ao final da dúvida metódica, surge então dentro da filosofia cartesiana a dúvida radical, ou melhor, a própria radicalização da dúvida. Descartes introduz, então, a figura do deus enganador para colocar à prova até mesmo as verdades matemáticas. No corpo da Primeira Meditação, Descartes escreveu:

Todavia, há muito que tenho no meu espírito certa opinião de que há um Deus que pode tudo e por quem fui criado e produzido tal como sou. Ora quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito com que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas

essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de maneira diferente daquela que eu vejo? E, mesmo, como julgo que algumas vezes os outros se enganam até nas coisas que eles acreditam saber com maior certeza, pode ocorrer que Deus tenha desejado que eu me engane todas às vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado, ou em que jugo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil do que isso. (Descartes, 2011, p.35-36).

A suposição da existência de um deus que não representava a soberana e perfeita bondade de Deus, porém não menos poderoso, foi um meio que Descartes achou pra trazer à tona novamente o método da dúvida radical, como meio pra colocar em dúvida até mesmo o conceito sobre Deus que havia pré-estabelecido em sua época. Descartes supõe, por isso, que talvez existam pessoas que preferiram negar a existência de um deus tão poderoso que pode fazer com que nos enganemos até sobre conhecimentos matemáticos que jugávamos ser um conhecimento indubitável e verdadeiro, pois faz parte das verdades eternas. Para justificar a suposição de um deus enganador, Descartes escreveu:

Haverá talvez aqui pessoas que preferirão negar a existência de um Deus, tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas são incertas. Mas não lhes resistamos no momento e suponhamos, em favor delas, que tudo quanto aqui é dito de um Deus seja uma fábula. (Descartes, 2011, p.36).

A figura do deus enganador segundo Descartes, seria impossível pois poderia Deus repugnar sua bondade é nos fazer de tau forma que sempre nos engane quanto a existência das coisas. Se jugarmos que falhar e enganar é uma espécie de imperfeição, e sendo Deus perfeito não poderia ser causa de nossa existência pois, sendo nossa existência quanto efeito imperfeita, logo deveríamos atribuir a nossa causa algum tipo de imperfeição. Então Descartes conclui que Deus não é enganador, mas que deve existir um certo Gênio Maligno que faz com que nos enganemos até nas coisas que jugamos conhecer com distinção e clareza. Descartes escreve então dizendo:

Suporei, pois que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou toda sua indústria em enganar-me. (Descartes, 2011, p. 38).

A suposição da existência de Gênio Maligno, proporcionou a Descartes se desfazer de conhecimentos mais elementares, ou seja, conhecimentos mais simples, os quais outrora Descartes tinha por natureza como conhecimentos indubitáveis e verdadeiros. Assim outra

questão irá surgir e permear ao longo da radicalização da dúvida. O que nos garante que este Gênio Maligno, não tenha feito com que não exista nenhum mundo exterior, é que emprega todo seu poder em nos enganar sobre a existência de tudo que existe no mundo, e até mesmos sobre a existência da própria substância corpórea.

A Figura do Gênio Maligno proporcionou a Descartes a destruição total de todo edifício do conhecimento humano que estava vigente em sua época, por meio da suspensão e interrupção do juízo. Agora com seu espírito livre de qualquer perturbação, partindo do zero, Descartes poderá então fundar um novo edifício do saber humano, sobre base sólida, começar uma filosofia racionalista, sobre princípios sólidos e verdadeiros, um conhecimento fundado sobre a própria dúvida.

Com o argumento da existência de um Gênio Maligno, a dúvida metafísica chega ao seu ápice como método de obtenção de conhecimento, pois agora já não está voltada para o critério de verdade ou falsidade para estabelecer a suspensão do juízo de conhecimento, pois outrora a dúvida analisava e a menor constatação de falsidade já era suficiente para não ser aceito como conhecimento indubitável e verdadeiro. Descartes argumenta que já não existe nenhum conhecimento que podemos tomar por constante e verdadeiro, e que talvez não exista uma soberana bondade de Deus, mais sim certo Gênio Maligno e enganador que emprega toda sua indústria em nos enganar, até nas coisas que acreditamos conhecer com tanta distinção e clareza.

Este Gênio Maligno é tão artiloso e enganador, que emprega todo seu poder em nos enganar até nas coisas que julgamos conhecer com tanta distinção e clareza. Nos engana também quanto à existência do mundo exterior ao nosso ser pensante. Mas, pode fazer com que tenhamos o sentimento de todas as coisas que existem no mundo - se é que existem mesmo, ou será que são apenas quimeras e ilusões que este ser tão poderoso imprime em nosso ser? A figura do Gênio maligno é o extremo do Deus enganador na radicalização da dúvida, pois através da introdução da figura do Gênio maligno já não está mais em questão o critério de verdade ou falsidade, uma vez que agora ele torna a dúvida generalizada colocando por terra até mesmos as verdades matemáticas, a aritmética e a geometria, causando a suspensão total do juízo, tornando a dúvida constante no espírito. Assim termina Descartes sua Primeira Meditação com a suspensão total do juízo, com seu espírito repleto de falsas crenças e permeado em dúvidas. Por esse motivo, a suspensão do juízo não lhe trouxe ataraxia ou paz.

CAPITULO 2- FIM DA DÚVIDA GENERALIZADA E O DESCOBRIMENTO DO COGITO

A dúvida continua sendo o principal método que Descartes utiliza em sua busca por um conhecimento verdadeiro dentro das *Meditações*, como veremos neste capítulo. Assim, Descartes inicia a Segunda Meditação a partir da universalização da dúvida com que ele terminou a Primeira Meditação. Após a suspensão do juízo, com a introdução da figura do deus enganador e com a aparição do gênio maligno, a filosofia cartesiana permaneceu em um estado de dúvida generalizada e constante, uma vez que negou a existência do mundo, da substância corpórea e dos sentidos humanos e nos fez questionar se podemos existir sem todas estas coisas que se apresentam ao nosso espírito. A partir da ausência de uma verdade indubitável, Descartes, continua sua análise do edifício do conhecimento humano, em sua busca por um conhecimento firme e constante. Este capítulo demonstra como Descartes descobre o primeiro conhecimento indubitável e verdadeiro em suas *Meditações*.

2.1 A descoberta do cogito

Como já visto no capítulo anterior, Descartes propõe uma reestruturação do conhecimento da Metafísica, pois acreditava que a Metafísica, assim como todas as demais ciências, poderia ser fundada e estruturada de forma que seu conhecimento pudesse ser concebido como verdadeiro e indubitável. Dentro das *Meditações* surge o método da dúvida, método este que possibilitou Descartes estruturar e fundamentar todo seu edifício do conhecimento sobre base sólida.

O método da dúvida também é fundamental para a descoberta do *Cogito*, (“penso logo existo”), pois a descoberta do *Cogito*, só se dá depois de um longo processo de investigação que se desenvolveu ao longo da Primeira Meditação, como vimos. Descartes segue argumentando em sua Segunda Meditação:

Mas que sei eu, se não há nenhuma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter menor dúvida? Não haverá algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito tais pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez seja eu capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu então, pelo menos, não serei alguma coisa? Mas já neguei que

tivesse qualquer sentido ou qualquer corpo [...] Mas eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns: não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei enganador mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em me enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me enganar; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. (Descartes, 2011, p.43).

Para se chegar à existência do *Cogito*, foi preciso uma análise criteriosa do pensamento, pois este se encontrava repleto de ideias que Descartes afirmou ter recebido por intermédio dos sentidos humanos. Porém, Descartes julgava que estas ideias não faziam parte do seu próprio ser, pois acreditava na existência de algum gênio maligno que lhe fazia enganar até mesmo sobre as coisas que julgava existentes no mundo e até mesmo sobre seu próprio corpo que Descartes julgava conhecer antes com distinção e clareza. De uma dúvida mais tenaz, nasce agora a certeza mais indubitável e verdadeira. Descartes toma por constante que o pensamento é o único atributo que não pode ser separado do seu próprio ser; surge então o *Cogito*, (“penso logo existo”), a primeira constante que é estabelecida dentro da obra *Meditações*, logo após o fim da dúvida radical. O *Cogito* foi a primeira verdade dentro das *Meditações*, que resistiu ao método da dúvida cartesiana. O *Cogito* é descoberto em um momento de ausência total de crenças e da suspeita de toda e qualquer crença. O surgimento do *Cogito* não coloca fim à dúvida cartesiana, mas torna evidente que se tratava de uma dúvida provisória e finita, pois a filosofia cartesiana não tinha interesse em refutar teorias ou opiniões particulares de conhecimento, uma vez que Descartes buscava estabelecer uma regra geral de conhecimento.

Como veremos no decorrer das *Meditações*, a introdução da figura do deus enganador ou do próprio gênio maligno, é fundamental para se estabelecer o *Cogito*, a primeira verdade dentro das *Meditações*, a primeira verdade na ordem da razão. Segundo Gueroult, um dos principais comentadores da filosofia cartesiana, em sua obra, *Descartes segundo a ordem das razões*, o *Cogito* se institui a partir da dúvida. Segundo Gueroult:

O *Cogito*, pelo qual meu entendimento restabelece no seio da dúvida universal um ponto firme, inabalável frente à ficção do *Gênio maligno*, coloca, conforme a ordem, a razão primeira que, finalizando a cadeia das incertezas, comanda aquela das certezas. Esta primeira certeza, confinada em si mesma, não destrói de maneira nenhuma a dúvida universal fora dela; o que ela faz é introduzir uma exceção a esta dúvida. Exceção de fato, uma vez que a dúvida

universal, fundada sobre o *Gênio maligno*, subsiste de direito; e, entretanto, também necessária, uma vez que somos constrangidos a conceber que o que neste caso específico, constatamos que não pode ser de outro modo que não este. Por esta necessidade é atestado seu caráter racional. (Gueroult, 2016, p. 59).

O *Cogito* é a primeira verdade constante, a primeira verdade que resiste à dúvida, o primeiro conhecimento que restringe apenas a sua existência, ou seja, o *Cogito* se mostra mais elementar, ou melhor, dizendo, mais simples de compreender que as verdades matemáticas, que se encontram no campo das ideias e que só podem residir no próprio ser. Inicialmente, entretanto, o *Cogito* só é uma verdade enquanto Descartes a concebe em seu espírito. O *Cogito* se institui a partir do próprio ato de pensar e duvidar. O *Cogito* fundamenta a relação entre existência e o pensamento (“penso logo existo”), pois o *Cogito* cria uma conexão entre o pensamento e a existência ainda que seja apenas intelectual, desenvolvendo uma relação de necessidade, pois para pensar, é preciso ser. Surge então uma verdade que não está fundada sobre as ideias ou pensamentos, porém tem origem no próprio sujeito do pensamento. Assim, o *Cogito* se mostra bem mais simples que as ideias matemáticas. As verdades matemáticas são compostas de representações, extensão e figura, que só podem encontrar no meu pensamento, condição de existência, pois o pensamento é condição única de todo conhecimento universal possível.

2.2 Confirmação da primeira verdade: o cogito como coisa que pensa

A descoberta do *Cogito* proporcionou a primeira verdade constante, após o fim da dúvida, e isso foi fundamental para a estruturação do racionalismo cartesiano. Porém, esta primeira verdade ainda precisava passar por uma criteriosa análise, a partir do método dos geômetras, que partia da dedução para se criar um raciocínio lógico. Descartes propõe provar que o *Cogito* surge a partir do puro pensamento e estabelece então uma análise de como se dá o descobrimento do *Cogito* dentro das *Meditações*. Descartes começa, assim, a revisar suas crenças a fim de confrontar todas as coisas que julgou ser durante a sua vida. Portanto Descartes escreveu:

Porém, não conheço ainda com bastante clareza o que sou, eu que estou certo de que sou; de sorte que doravante cuidadosamente me guarde de tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim, e assim equivocarme neste conhecimento, que sustento ser mais certo e mais evidente do que todos os que tive anteriormente. (Descartes, 2011, p 43).

Apesar de descobrir sua existência, Descartes compreende que não poderia afirmar ser qualquer coisa, uma vez que só poderia demonstrar sua existência enquanto puro pensamento, e que esse pensamento só poderia residir em seu espírito. Descartes propõe então revisar as crenças que adquiriu ao longo de sua vida. Primeiro acreditou ser um animal racional, depois acreditou ser a junção de corpo e alma, mas não poderia sustentar essas ideias, uma vez que nem tinha a certeza se de fato possuía um corpo e que por essa causa deveria descartar essas crenças. A única coisa que não lhe era estranha era o pensamento, pois sempre que questionava quanto à existência das coisas que julgava ser diferentes de seu próprio ser, Descartes estava pensando e, por esta causa, só poderia afirmar como atributo de sua natureza o pensamento. Portanto, ele só poderia ser uma alma, algum espírito ou entendimento. Descartes escreve na Segunda Meditação:

Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? Isto é uma coisa que duvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente. Por certo não é pouco se todas essas coisas pertencem a minha natureza. [...], pois é por si tão evidente que sou eu quem dúvida, quem entende e quem deseja que não é necessário nada acrescentar aqui para explicá-lo. E tenho também certamente a potência de imaginar; pois, ainda que possa acontecer (como supus anteriormente), que as coisas que imagino não sejam verdadeiras, não obstante essa potência de imaginar não deixa, de estar realmente em mim e faz parte do meu pensamento. (Descartes, 2011, p 48).

Descartes deixa evidente que, a princípio, só consegue se determinar como: “uma coisa que pensa”, um espírito que afirma, que nega que imagina e que sente. Mas afirma também que a imaginação faz parte de sua natureza e que esta faculdade se encontra no seu próprio pensamento. E pela imaginação ele concebe a ideia que tem de corpos, da figura corporal e de todas as coisas que existe no mundo, mas todas essas coisas que se apresentam a seu espírito são-lhe desconhecidas, pois se trata de coisas que acredita ser diferente de sua própria natureza. Portanto Descartes desconfia, então, das coisas que concebe através da imaginação, ainda que a imaginação faça parte de seu espírito e que esta temática da imaginação lhe leve para o argumento da cera.

2.3 Argumento da cera: de como é mais fácil conhecer o espírito do que o corpo

Irei abordar neste tópico o argumento da cera, pois através, deste argumento Descartes reafirma sua primeira verdade e ainda sustenta o seu racionalismo. Pois Descartes propõe provar através deste argumento que o espírito é mais fácil de conhecer do que o corpo. Com o argumento da cera, Descartes irá tratar do problema de como conhecemos os corpos materiais. Através do argumento da cera, Descartes acredita ser possível demonstrar e fundamentar todo racionalismo que foi desenvolvido nas *Meditações* até a descoberta do cogito. Descartes acredita que o espírito é superior à matéria, uma vez que o espírito é mais fácil de conhecer que os corpos e é esta tese que ele irá tentar provar com este argumento. Com o argumento da cera Descartes propõe demonstrar que o conhecimento que achamos ter dos corpos, por meio de nossas percepções e imaginação, não é tão claro e distinto quanto o conhecimento que temos do nosso próprio espírito. Vejamos o exemplo da cera:

Começamos pela consideração das coisas mais comuns e que acreditamos compreender mais distintamente, a saber, os corpos que tocamos e vemos. [...] tomemos, por exemplo, este pedaço de cera que acaba de ser tirado da colmeia: ele não perdeu ainda a doçura do mel que continha, retém ainda algo do aroma das flores de que foi recolhido; sua cor, sua figura, sua grandeza, são aparentes; é duro, é frio, tocamos-lo e, se nele batermos, produzirá algum som. Enfim, todas as coisas que podem distintamente fazer conhecer um corpo encontra-se neste. (Descartes, 2009, p 49-50).

A partir do exemplo da cera, Descartes começa a dar diretrizes ao seu racionalismo, pois acredita que o exemplo da cera pode representar a ideia que temos dos corpos. Com este experimento simples, Descartes nos confronta a questionar o que de fato é conhecido por nós distintamente quando falamos sobre a percepção dos corpos, pois acredita que só através de uma inspeção do espírito, somos capazes de compreender o que podemos conhecer das coisas materiais. Segue-se o experimento com a seguinte argumentação:

Mas eis que, enquanto falo, é aproximado do fogo; o que nele restava de sabor exala-se, o aroma esvanece, sua cor se modifica, sua figura perde, sua grandeza aumenta, ele torna-se líquido, esquenta-se, mal o podemos tocar e, embora nele batamos, nenhum som produzirá. Permanece a mesma cera depois dessa mudança? Cumpre confessar que permanece: e ninguém o pode

negar. Então, o que se conhecia com tanta distinção nesse pedaço de cera? Certamente não pode ser nada de tudo o que notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, ou à visão, ou ao tato, ou à audição, encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera permanece. [...] certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. (Descartes, 2011, p 50).

O pedaço de cera que encontramos neste argumento é o mesmo pedaço de cera que Descartes acreditava conter todas as propriedades que encontramos nos corpos. Porém, já não era possível identificar as mesmas propriedades que este pedaço de cera tinha no começo do experimento, pois a percepção que fazemos através dos sentidos e da imaginação já não se mostra capaz de conhecer a cera que no início do experimento se mostrava com tanta distinção e clareza. Descartes então questiona: o que conhecemos de um corpo? Certamente apenas as propriedades que este corpo imprime em minha faculdade sensível e na minha imaginação e, quando esses corpos perdem suas propriedades particulares, como cor, cheiro e sofrem mudança de forma, já não pode se compreendidos pela imaginação. Sendo assim, todas as propriedades que conhecemos da cera dos corpos não residem na imaginação e, sim, no pensamento que reside no entendimento, ou no próprio espírito.

Pela imaginação, portanto, é impossível de compreendermos a cera que pode sofrer uma infinidade de transformações, pois essa pode se apresentar flexível e mutável. Por conseguinte, não podemos conhecer a cera depois de passar por todas essas modificações, ou perder todas as propriedades que jugávamos conhecer da matéria usando apenas a imaginação. Só através de uma inspeção que só pode acontecer no espírito, podemos conhecer a natureza material, pois o espírito é superior à matéria e mais fácil de conhecer que a matéria.

Portanto Descartes afirma que ao tirar da cera todas suas particularidades, as quais a tornava conhecida por intermédio dos sentidos como: cor, forma, cheiro, sabor, resta apenas algo extenso, flexível e mutável, sua essência ou natureza e está só pode ser compreendida por operações que só o entendimento é capaz de realizar.

2.4 A introdução da questão de Deus no argumento cartesiano

Descartes inicia sua Terceira Meditação acreditando em apenas uma só verdade que descobriu no decorrer de sua Segunda Meditação: que ele é uma coisa que pensa. Surge então

a temática da evidência, pois é claro e distinto que ele é uma coisa que pensa. A partir desse tema, Descartes vai chegar a uma reflexão sobre a existência de Deus. Para Descartes, o único conhecimento que se apresenta claro e distinto até o presente momento, é que ele é uma coisa que pensa. Descartes argumenta que:

Todavia recebi e admiti acima várias coisas como muito certas e muito manifestas, as quais, entretanto, reconheci depois serem duvidosas e incertas. Quais eram, pois, essas coisas? Eram a terra, o céu, os astros e todas as outras coisas que percebia por intermédio de meus sentidos. Ora, o que eu concebia clara e distintamente nelas? Certamente nada mais exceto que as ideais ou os pensamentos dessas coisas que se apresentavam a meu espírito. E ainda no presente não nego que essas ideias se encontram em mim. (Descartes, 2011, p 58).

Através deste argumento, Descartes reafirma que todas as ideias que outrora concebeu por intermédio dos sentidos eram duvidosas, e algumas dessas ideias parecem ter origem fora do seu próprio ser pensante. O único conhecimento que se apresenta claro e distinto é que ele é um espírito, um entendimento, uma razão. Mas talvez essas mesmas ideias que julga serem duvidosas, são apenas desconhecidas ou diferentes de seu próprio ser pensante. Portanto, Descartes retoma sua reflexão para mostrar a importância dos conhecimentos claros e distintos e, a partir disso, ele vai introduzir a ideia da existência de um Deus, que faz com que se engane até mesmo sobre as ideias claras e distintas. Descartes, então, escreve:

E, por certo, posto que não tenho nenhuma razão de criticar que haja algum Deus que seja enganador, e mesmo que não tenha ainda considerado aquelas que provam que há um Deus, a razão de duvidar que depende somente desta opinião é bem frágil e, por assim dizer, metafísica. Mas, a fim de poder afastá-la inteiramente, devo examinar se há um Deus, tão logo a ocasião se apresente; e, se achar que existe um, devo também examinar se ele pode ser enganador: pois, sem o conhecimento dessas duas verdades, não vejo como possa jamais estar certo de coisa alguma. (Descartes, 2011, p 60).

Ao analisarmos o argumento que Descartes expõe no quinto parágrafo da *Terceira meditação*, vemos que existe uma mudança quanto à ordem da pergunta, primeiro devemos analisar a questão da existência de Deus, e não ficar supondo se Deus pode ser enganador ou não. Com base nestas reflexões, partimos, então, para a questão da prova da existência de Deus.

CAPÍTULO 3- AS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Neste capítulo falaremos sobre as provas da existência de Deus, que é o nosso objeto de pesquisa na presente monografia. Após vermos toda a análise que foi desenvolvida no decorrer dos capítulos anteriores, descobriremos que Descartes demonstra a existência de Deus, seguindo a metodologia dos geômetras, que segue passo a passo com clareza e vai alcançando verdades, as quais lhe permitiram provar a existência de Deus. Na Segunda Meditação, Descartes introduz da própria reflexão sobre o eu penso, a questão da existência de Deus. A filosofia cartesiana propõe uma reestruturação do conhecimento sobre a metafísica, para que ela alcance a credibilidade, assim como as demais ciências existentes.

É importante ressaltar que essa temática – as prova da existência de Deus - já foi tratada anteriormente na História da Filosofia. São Tomás de Aquino, filósofo da Idade Média no século XIII, filósofo da *Escolástica*, fez uma abordagem sobre as prova da existência de Deus, por meio de cinco vias, argumento baseado na teoria de Aristóteles. Vejamos a seguir este argumento, antes mesmo de passar para a abordagem de Descartes sobre a prova da existência de Deus.

3.1 Tomás de Aquino e as provas da existência de Deus

Tomás de Aquino nasceu no castelo de *Roccasecca*, na Itália em 1225 e viveu até 1274. Filho do Conde Landolfo de Aquino e de Teodora, foi um padre teólogo e filósofo, que privilegiou a filosofia Aristotélica no mundo europeu na Idade Média no século XIII. Um dos maiores filósofos representantes da escolástica, foi discípulo do padre e filósofo Alemão, Alberto Magno. Estudioso da filosofia clássica, Tomás de Aquino utilizou-se do método filosófico na fundamentação teológica, tornando evidente a relação que existe entre a lógica aristotélica e a fé cristã. De 1252 a 1256, Tomás exerceu a função de professor bacharel sentenciário na Universidade de Paris. No ano de 1323, Tomás de Aquino é canonizado pelo Papa João XXII.

Tomás de Aquino escreveu grandes obras, respondeu muitas objeções à filosofia de Aristóteles, no total foram contabilizados mais de sessenta títulos. Suas obras mais importantes foram *Comentários Sobre as Sentenças*, redigidos entre 1253 e 1256, em Paris; *OS Princípios*

e *O Ente e a Essência*, a *Súmula Contra os Gentios* e as *Questões Sobre a Alma*, escritas entre 1259 e 1264; as *Questões Diversas*, em 1263; e, finalmente, a *Suma Teológica*.

Tomás se guiava pela doutrina Aristotélica, mostrando a distinção aristotélica entre essência e existência. A partir de uma leitura própria da doutrina de Aristóteles, Tomás de Aquino fundamenta por vias racionais os dogmas da revelação cristã. Tomás de Aquino deduz ser Deus a causa de nossa existência, pois ele é um ato puro. Sendo Deus, eterno, imutável, perfeito e nada podemos acrescentar à sua natureza. Logo, Deus é criador de todas as coisas que existem no mundo.

Sendo Deus imóvel, porém move tudo quanto existe no mundo, Tomás afirma ser possível demonstrar por deduções a existência de Deus. Para Tomás, a proposição “Deus existe” é evidente por si mesma, sendo possível se chegar à verdade por cinco caminhos. Portanto Tomás afirma existir cinco vias para se provar a existência de Deus, 1º primeira via - primeiro motor, 2º segunda via - causa eficiente, 3º terceira via - ser necessário, 4º quarta via - ser perfeito, 5º quinta via - inteligência ordenadora. Tomás afirma que:

A primeira e mais manifesta é a procedente do movimento; é certo e verificado pelos sentidos, que alguns seres são movidos neste mundo. [...] Ora, não é possível uma coisa estar em ato e potência, no mesmo ponto de vista, mas só em pontos de vista diversos; pois, o cáldido atual não pode ser simultaneamente cáldido potencial, mas, é frio em potência. Logo, é impossível uma coisa ser motora e movida ou mover-se a si própria, no mesmo ponto de vista e do mesmo modo, pois, tudo o que é movido há-de sê-lo por outro. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

A primeira prova das cinco vias, que nos leva a existência de Deus, consiste na existência do movimento e na existência de um primeiro motor. Tomás afirma que a segunda via é a causa eficiente:

A segunda via procede da natureza da causa eficiente. Pois, descobrimos que há certa ordem das causas eficientes nos seres sensíveis; porém, não concebemos, nem é possível que uma coisa seja causa eficiente de si própria, pois seria anterior a si mesma; o que não pode ser. [...] Logo, é necessário admitir uma causa eficiente primeira, à qual todos dão o nome de Deus. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

Na segunda via, ou segunda prova, Tomás fala da existência de uma causa eficiente que é causa das demais coisas que existem enquanto efeito, pois não poderia uma causa originar outra causa procedendo ao infinito, más que deve haver uma causa primeira, e a esta causa atribuímos o nome de Deus. A terceira causa esta relacionada a ser necessário:

A terceira via, procedente do possível e do necessário, é a seguinte- Vemos que certas coisas podem ser e não ser, podendo ser geradas e corrompidas. [...]

Mas não é possível proceder ao infinito, nos seres necessários, que tem a causa da própria necessidade, como também o não é nas causas eficientes, como já se provou. Por onde, é forçoso admitir um ser por si necessário, não tendo de fora a causa da sua necessidade, antes, sendo a causa da necessidade dos outros; e a tal ser, todos chamam Deus. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

Na terceira via, das cinco vias que nos levam a existência de Deus Tomás afirma a existência de um ser necessário para a causa dos demais seres que vierem a ser. A quarta via Tomás fala de um ser perfeito:

A quarta via procede dos graus que se encontram nas coisas. [...] Ora, o que é maximamente tal, em gênero, é causa de tudo o que esse gênero compreende; assim o fogo, maximamente cálido, é causa de todos os cálidos, como no mesmo lugar se diz. Logo, há um ser, causa do ser, e da bondade, e de qualquer perfeição em tudo quanto existe, e chama-se Deus. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

A quarta via, das cinco vias propostas por Tomás para se chegar à existência de Deus, demonstra que nossa causa contém a máxima perfeição que compreendemos. A quinta via fala de uma inteligência ordenadora:

A quinta procede do governo das coisas. [...] Mas, os seres sem conhecimento não tendem ao fim sem serem dirigidos por um ente conhecedor e inteligente, como a seta, pelo arqueiro. Logo, há um ser inteligente, pelo qual todas as coisas naturais se ordenam ao fim, e a que chamamos Deus. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

Na quinta via para se chegar à existência de Deus Tomás fala que existe uma inteligência que ordena todas as coisas que existem e faz com que todas as coisas caminhem para seu fim.

Assim como Aristóteles, Tomás afirma que Deus é o ser imóvel que é causa das demais coisas moventes, haver uma causa primeira, ou seja, a causa motora, porém imóvel. Temos em nós a ideia do efeito mais manifesta que a ideia que temos da causa, partindo da ideia da existência enquanto efeito. Logo pressupomos a existência da causa. Partindo do efeito para se chegar à causa, temos a proposição “Deus existe”.

3.2 A origem das ideias em Descartes e as prova da existência de Deus

Através de uma revisão sobre a origem das ideias, Descartes demonstra racionalmente em sua Terceira Meditação, as prova da existência de Deus. Na Segunda Meditação, Descartes se ocupou em demonstrar por meio de um encadeamento das ideias, a existência da *Res Cogitans*, ou seja, uma coisa que pensa e logo após descobriu a segunda verdade que, o espírito é mais fácil de conhecer que a substância material. Através do experimento da cera, Descartes

demonstrou que a ideia que temos de alguns objetos, ou até mesmo de determinadas substâncias em nosso espírito, pode se apresentar diferente do objeto que concebo por intermédio dos sentidos. A substância material pode sofrer vários acidentes e se mostrar confusa. Mas, segundo Descartes nossas ideias devem ter origem em algo externo ao nosso próprio ser pensante. Para fundamentar, afirma:

Ora, destas ideias, umas me parecem ter nascido comigo, outras ser estranhas e vir de fora, e as outras ser feitas e inventadas por mim mesmo. [...] Mas também talvez eu possa persuadir-me de que todas essas ideias são do gênero das que eu chamo de estranhas e que vêm de fora ou que nasceram todas comigo ou, ainda, que foram todas feitas por mim; pois ainda não lhes descobri claramente a verdadeira origem. (Descartes, 2011, p. 62).

Descartes começa a analisar agora qual é a verdadeira origem de suas ideias. Poderia ser ele o próprio autor de suas ideias? Ou suas ideias teriam origem em algo que existe fora de seu próprio ser pensante? Ele afirma:

A primeira dessas razões é que me parece que isso me é ensinado pela natureza; e a segunda, que experimento em mim próprio que essas ideias não dependem, de minha vontade; pois amiúde elas se apresentam a mim mau grado meu, como agora, quer queira quer não, eu sinto calor, e por esta razão persuado-me de que este sentimento ou esta ideia de calor é produzido por mim por uma coisa diferente de mim, a saber, pelo calor do fogo junto do qual me encontro. (Descartes, 2011, p.62).

A partir deste argumento, Descartes acredita que existem dois tipos de ideias. Em primeira ordem estão as ideias que concebo de substâncias infinitas e de perfeição, pois essas ideias me representam ser inatas. Em segunda ordem estão as ideias que acredito receber pela percepção dos objetos sensíveis. Logo, posso formar a ideia de coisas que me parecem estranhas, porque ainda não conheço se tenho o poder de formar essas ideias em minha imaginação pela associação da ideia que tenho dos objetos.

E quanto à outra razão, segundo a qual essas ideias devem provir de alhures, porquanto não dependem de minha vontade, tampouco a acho mais convincente. Pois, da mesma forma que as inclinações, de que falava há pouco, se encontram em mim, não obstante não se acordarem sempre com minha vontade, e assim talvez haja em mim alguma faculdade ou poder próprio para produzir essas ideias sem auxílio de quaisquer coisas exteriores, embora ela não me seja ainda conhecida; como, com efeito, sempre me pareceu até aqui que, quando durmo, elas se formam em mim sem a ajuda dos objetos que representam. E, enfim, ainda que eu estivesse de acordo que elas

são causadas por esses objetos, não é uma consequência necessária que lhes devam ser semelhantes a eles. Ao contrário, frequentemente, em muitos exemplos, que havia grande diferença entre o objeto e sua ideia. (Descartes, 2011, p 64).

Vimos neste argumento a ocorrência de dois tipos de ideias, temos as ideias do gênero de semelhança e correspondência, e as ideias do gênero inatas, que são necessárias e existentes, pois encontram em sua essência sua existência.

Quanto às ideias de princípio de correspondência, observamos os graus de correspondência que a ideia tem em relação ao seu objeto ideado; neste caso, a ideia objetiva dos objetos sensíveis, pode se apresentar em menor grau de perfeição quanto à realidade formal dos objetos idealizados. As ideias inatas se encontram em primeira ordem em nosso entendimento, sendo condicionadas ao princípio de causa e efeito, essas ideias são de ordem necessária e existentes, pois encontram em sua essência sua existência.

A ideia que temos da existência de Deus se encontra no campo das ideias inatas. A ideia de Deus nos representa uma substância infinita e perfeita. Logo, a ideia da existência de Deus não poderia ter origem no próprio ser pensante, pois essa ideia abarca atributos como o de infinito e de perfeição, e sendo a própria substância pensante imperfeita e finita, não poderia conceber a ideia de Deus por abstração de sua própria natureza. E sendo a substância pensante imperfeita e finita, logo não poderia ser autora da ideia de infinito e perfeição que o conceito de Deus imprime em seu espírito; logo a ideia da substância divina, teria sua origem fora do próprio ser pensante. Da essência da ideia de Deus podemos inferir sua existência, uma vez que perfeição é sinônimo de existência. Não poderia ser Deus uma substância perfeita se lhe fosse negada a existência. Partindo deste pressuposto, Deus existe e é causa da ideia, que a substância pensante tem de perfeição e infinito. Descartes estabelece como 3º argumento que, “as ideias inatas tem de fato por origem uma coisa exterior”. Para fundamentar, afirma:

Mas apresenta-se ainda outra via para investigar se, entre as coisas cujas ideias tenho em mim, há alguma que existe fora de mim. [...] pois, com efeito, aquelas que me representam substâncias são, sem dúvida, algo mais e contêm em si (por assim falar), mais realidade objetiva, ou seja, participam por representação, em mais graus de ser ou de perfeição do que as que me representam apenas modos ou acidentes. Além do mais, aquela pela qual eu concebo um Deus soberano, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente e criador universal de todas as coisas que estão fora dele; aquela digo, tem certamente em si mais realidade objetiva do que aquelas pelas quais as substâncias finitas me são representadas. (Descartes, 2011, p 65).

Partido desse argumento, Descartes afirma que temos em nosso espírito a ideia de Deus, que se apresenta no mais alto grau de perfeição e esta ideia contém mais realidade objetiva que a ideia que temos das substâncias finitas, que nos apresentam como modos ou acidentes.

3.3 A prova cosmológica da existência de Deus, fundada sobre o princípio de causalidade, em Descartes

Descartes afirma ser possível provar a existência de Deus pelo princípio de causalidade e ele fará isso a partir da discussão sobre a origem e correspondência das ideias. Na Terceira Meditação, que traz o título “De Deus; que ele existe”, Descartes propõe demonstrar que é possível se chegar à existência de Deus, pelo princípio de causa e efeito. Descartes afirma, portanto, que:

Agora, é coisa manifesta pela luz natural que deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto no seu efeito: pois de onde o efeito pode tirar sua realidade senão de sua causa? E como esta causa poderia comunicá-la a ele se não a tivesse em si mesma? (Descartes, 2011, p. 66).

Partindo do pressuposto que a causa eficiente, tem mais realidade que seu efeito, Descartes deixa evidente que a ideia que temos de Deus, que existe inata em nós, se apresenta em maior grau de perfeição que nossa existência enquanto efeito e a esta causa que atribuímos o nome de Deus, deve haver mais realidade objetiva que seu efeito. A partir da descoberta do *Cogito* na Segunda Meditação, Descartes tem por constante ser uma substância pensante, assim nega ser autor de sua ideia que tem dos corpos, das noções que possui de infinito, e de tudo quanto existe no mundo, se é que existe algo exterior ao seu próprio ser pensante. Na Terceira Meditação, todavia, Descartes deixa evidente sua recorrência ao postulado de Parmênides que afirma que “O não ser é indizível impensável”. Logo suas ideias, não poderiam ter origem no nada, pois o nada é o mesmo que o não ser, Descartes então diz:

Daí decorre não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, ou seja, que contém em si mais realidade, não pode ser uma consequência e uma dependência do menos perfeito. [...] E ainda que possa ocorrer que uma ideia dê origem a uma outra ideia, isso, todavia não pode estender –se ao infinito, mas é preciso chegar ao fim a uma primeira ideia, cuja causa seja um como padrão ou original, na qual toda a realidade ou perfeição esteja contida formalmente e em efeito, a qual só se encontre somente objetivamente ou por representação nessas ideias. De sorte que a luz natural me faz conhecer com evidência que as ideias estão em mim como quadros, ou imagens, que podem na verdade facilmente decair da

perfeição das coisas de que foram tiradas, mas que jamais podem conter nada de maior ou de mais perfeito. (Descartes, 2011, p 67-68).

O princípio de causa e efeito, aliado à questão da origem das ideias, é o segundo método, mais importante, dentro das *Meditações Metafísica*. Através desse método, Descartes consegue provar racionalmente a existência de Deus. A partir da ideia de que deve haver maior realidade na causa eficiente do que em seu efeito, descobrimos que a ideia que temos da existência de um ser, que contém em sua essência maior grau de perfeição que nossa própria substância pensante, só poderia ter origem em um ser que existe e tem formalmente todos esses atributos em sua natureza.

O ser pensante não poderia ser autor da ideia que se apresenta em seu espírito de perfeição e, sendo a substância pensante tão imperfeita e contendo em seu espírito uma ideia clara do que era perfeição, não poderia ser ele autor de tal ideia, ainda que sua ideia de perfeição fosse fruto de sua imaginação, alguma parte de sua ideia, entretanto, deveria ter uma realidade formal. Sendo a ideia de Deus tão evidente, Descartes diz:

Portanto, resta tão somente a ideia de Deus, na qual é preciso considerar se há algo que não possa ter provindo de mim mesmo? Pelo nome de Deus entendo uma substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente, onipotente e pela qual eu mesmo, e todas as outras coisas que existem (se é verdade que há coisas que existem) foram criadas e produzidas. [...] E, por conseguinte, é preciso necessariamente concluir, de tudo o que disse anteriormente que Deus existe; pois, ainda que a ideia da substância esteja em mim, pelo próprio fato de ser eu uma substância, eu não teria, contudo, a ideia de uma substância infinita, eu que sou um ser finito, se ela não tivesse sido colocada em mim por alguma substância que fosse verdadeiramente infinita. (Descartes, 2011, p.71-72).

A ideia de perfeição ou de infinito só poderia ser colocada em nós enquanto substância finita por uma causa que contenha em seu próprio ser toda realidade objetiva e formal que me representa a ideia de infinito e de perfeição. Nisso consiste a primeira prova da existência de Deus pelos efeitos presente na Terceira Meditação. Portanto, a primeira prova da existência de Deus nos torna manifesta a partir da pergunta que fazemos sobre a origem da ideia que temos de Deus. Partindo da pergunta sobre a existência de algo externo ao próprio ser pensante e de sua perfeição, descobrimos a segunda prova da existência de Deus. As duas provas são demonstradas a partir do princípio de causa e efeito. Descartes então pondera e questiona se não poderia ser ele autor da ideia que tem de perfeição:

Mas é possível também que eu seja algo mais do que imagino ser e que todas as perfeições que atribuo à natureza de um Deus estejam de algum modo em mim em potência, embora ainda não se produzam e não façam surgir suas ações. [...] Todavia olhando um pouco mais de perto, reconheço que não pode ser assim; pois, primeiramente, ainda que fosse verdadeiro que meu conhecimento adquirisse todos os dias novos graus de perfeição, e que houvesse em minha natureza muitas coisas em potência, que nela ainda não existem ainda atualmente, todavia essas vantagens não pertencem e não se aproximam da ideia que tenho da divindade na qual nada se encontra somente em potência, mas tudo existe atual e efetivamente. (Descartes, 2011, p.74-75).

Com esse argumento, Descartes mostra que é impossível que a ideia que concebemos de Deus seja criada por nós enquanto substâncias finitas, ainda que estejamos em potência de vir a ser. Mas, segundo ele, **devemos atribuir a causa de nossa ideia de infinito a um ser que existe em ato e que contém em sua essência tanta realidade atual, quanto formal**, e que possui em seu ser uma infinidade de propriedades infinitas: **este ser é Deus** – trata-se da **primeira prova cosmológica da existência de Deus**.

Assim, Descartes parte para o segundo momento, ou para a segunda prova da existência de Deus pelos efeitos. Vejamos.

A partir de uma análise da ideia que concebo de Deus, reconheço que a ideia que tenho de infinito é anterior à ideia que tenho de minha substância finita e que a causa de minha substância animada, contém em sua natureza uma infinidade de propriedades infinitas. Portanto Descartes afirma que:

Poderá também ocorrer que este ser de que dependo não seja aquilo que chamo Deus e que eu seja produzido ou por meus pais, ou por alguma outra causa menos perfeita do que ele? Muito ao contrário, isso não pode ser assim. Pois, como já disse anteriormente, é uma coisa muito evidente que deve haver ao menos tanta realidade na causa quanto em seu efeito. E, portanto, uma vez que sou uma coisa que pensa e que tenho em mim alguma ideia de Deus, seja qual for afinal a causa que se atribua à minha natureza, é preciso necessariamente confessar que ela deve ser igualmente uma coisa que pensa, e possuir em si a ideia de todas as perfeições que atribuo à natureza divina. Em seguida, pode-se de novo pesquisar se essa causa tem sua origem e sua existência em si mesma ou de alguma outra coisa. **Pois se ela tem de si própria, segue-se, pelas razões que anteriormente aleguei, que deve ser, ela mesma, Deus; porquanto, tendo a virtude de ser e de existir por si, ela deve também, sem dúvida, ter o poder de possuir atualmente todas as perfeições cujas ideias concebe, isto é, todas aquelas que eu concebo como existentes em Deus** (Descartes, 2011, p.78; o grifo é nosso).

Portanto, Descartes argumenta que não pode atribuir sua causa a um ser que não possua maior grau de perfeição que a própria substância pensante, uma vez que tem a ideia de todas as perfeições que compreende o conceito da natureza divina, anterior até mesmo à ideia que tem da própria substância pensante. Logo, não poderia ser causa de si mesmo, pois se ele próprio tivesse criado sua substância, teria lhe dado todas essas perfeições que julga existentes na natureza divina e não lhe faltaria nenhuma perfeição, então seria Deus. **E nisso consiste a segunda prova da existência de Deus pelos efeitos, como vemos na citação acima: Deus é causa de si mesmo e existe contendo em si todas as perfeições que concebo em meu espírito como pertencentes a ele.**

3.4 Relações da prova de existência de Deus, em Descartes, com a prova de Tomás de Aquino da causa eficiente

A partir da leitura da argumentação sobre a existência de Deus, proposta por Descartes na obra *Meditações Metafísicas*, e a leitura da exposição das cinco vias para se provar a existência de Deus, proposta por, Tomás de Aquino, descobrimos que ambos têm por objetivo provar por vias racionais a existência de Deus, partindo do princípio de causa e efeito. Para Tomás de Aquino, Deus é eterno e sempre existiu e sempre vai existir. Tomás, não acredita assim como Descartes, ser Deus o criador da ideia que temos de Deus, mas que a ideia é posterior ela vem da experiência, ela vem por uma necessidade lógica. Não sendo uma coisa inata em nós. Sendo a ideia de infinito derivada das ilações que fazemos a partir da nossa experiência de finitude. Descartes ao contrário de Tomás, postula ser Deus o criador da ideia que temos de Deus, da ideia que temos de infinito e de todas as coisas que existem no mundo. Tanto em Descartes, como em Tomás de Aquino, vemos a recorrência à filosofia clássica de Aristóteles que fala das quatro causas, sendo elas: causa material, causa eficiente, causa formal, causa final. Tomás de Aquino deixa bem evidente em sua filosofia a influência que sofre por parte da filosofia aristotélica.

Constatamos na prova da existência de Deus proposta por Descartes a recorrência à filosofia clássica de Aristóteles, que fala do que está em ato e do que está em potência de ser. Segundo Aristóteles: o ato é a própria existência de algo, enquanto a potência é tudo que um determinado ente pode vir a ser. Na Terceira meditação, Descartes diz:

Mas talvez também eu seja algo mais do que me imagino e todas as perfeições que atribuo à natureza de um Deus estejam de algum modo em mim em potência, conquanto ainda não se produzam e não façam aparecer por suas ações. [...] Mas concebo Deus atualmente infinito em tão alto grau que nada posso acrescentar à soberana perfeição que ele possui. E, enfim, compreendo muito bem que o ser objetivo de uma ideia não pode ser produzido por um ser que existe somente em potência, o qual, propriamente falando, não é nada, mas somente por um ser formal ou atual. (Descartes, 2011, p.74).

A partir da evidência, Descartes expõe ser apenas uma substância pensante que só existe enquanto pensamento, e que deve haver um ser que seja causa da ideia que tem de perfeição e de infinito, uma vez que só existe enquanto substância finita.

Tomás, por sua vez, também defende a tese, segundo a qual, todo ser – com a exceção de Deus – é causado e que as causas não podem se estender ao infinito. Segundo Tomás as cinco vias que provam a existência de Deus, tem em comum o pressuposto aristotélico de que não se pode recorrer ao infinito. Para fundamentar Tomás, escreveu na segunda via de prova:

A segunda via procede da natureza da causa eficiente. Pois, descobrimos que há certa ordem das causas eficientes nos seres sensíveis; porém, não concebemos, nem é possível que uma coisa seja causa eficiente de si própria, pois seria anterior a si mesma; o que não pode ser. Mas, não é possível, nas causas eficientes proceder até o infinito; pois, em todas as causas eficientes ordenadas, a primeira é causa da média e está, da última, sejam as médias muitas ou uma só; e como, removida a causa, removido fica o efeito, se nas causas eficientes não houver primeira, não haverá média nem última. Procedendo-se ao infinito, não haverá primeira causa eficiente, nem efeito último, nem causas eficientes médias, o que evidentemente é falso. Logo, é necessário admitir uma causa eficiente primeira, à qual todos dão o nome de Deus. (ST I, q.2, a.3 sol 1).

Tomás postula ser Deus a causa primeira de tudo quanto existe, causa essa que é causa de tudo que existe enquanto efeito. Acredita haver uma causa primeira, ou seja, a causa motora, porém imóvel. Portanto podemos concluir que tanto na prova da existência de Deus proposta por Tomás de Aquino, quanto na prova proposta por Descartes, partindo do efeito para se chegar à causa, temos a proposição “Deus existe”.

3.5 Argumento ontológico: a terceira prova da existência de Deus em Descartes

Vimos no texto acima a demonstração da prova da existência de Deus, proposta por Tomás de Aquino e Descartes. Ambas as provas possuem como fundamento o princípio de

causalidade. A filosofia cartesiana denomina a prova da existência de Deus, que parte do princípio de causa e efeito, como sendo a prova cosmológica da existência de Deus. Essa prova consiste na exposição de duas partes. A primeira prova segundo Descartes, parte da ideia que temos de infinito em nosso entendimento para a existência do ser finito. A segunda prova, parte da ideia da existência contingente de tudo quanto existe no mundo, para a existência de Deus. Essas são as provas da existência de Deus, seguindo o argumento cosmológico proposto por Descartes.

Agora trataremos de uma terceira prova da existência de Deus, que Descartes expõe como evidente em sua quinta meditação. A prova a partir do argumento ontológico, ou seja, a prova *a priori* da existência de Deus. Segundo Kant, *a priori* é todo conhecimento que temos independente da experiência. A terceira prova da existência de Deus, consiste que a partir de uma dedução da ideia de Deus inferimos sua existência. No processo de dedução, partimos de uma certeza para a exposição de fatos, ou seja, da causa para os efeitos. O processo de indução baseia-se no processo inverso, partindo de fatos semelhantes para a definição de uma certeza, ou seja, do efeito é que inferimos a causa.

Partindo do pressuposto que a ideia que temos de Deus está na ordem das ideias que contém maior grau de perfeição, Descartes argumenta que sendo a ideia de Deus tão manifesta em nosso entendimento, assim como as verdades matemáticas e geométricas que se apresentam em nosso espírito com tanta distinção e clareza, não podemos acreditar que esta ideia tenha origem em nosso próprio ser pensante. Descartes argumenta:

Agora se do simples fato de que posso tirar de meu pensamento a ideia de alguma coisa, segue-se que tudo quanto reconheço clara e distintamente pertence a essa coisa, pertencendo-lhe de fato, não posso tirar disto um argumento e uma prova demonstrativa da existência de Deus? [...] E, portanto, ainda que tudo o que conclui nas Meditações precedentes não fosse verdadeiro, a existência de Deus deve passar em meu espírito ao menos por, tão certa quanto estimei até aqui todas as verdades das Matemáticas, que só dizem respeito aos números e às figuras: se bem que na verdade, isso de início não pareça inteiramente manifesto, mas se afigure ter alguma aparência de sofisma. (Descartes, 2011, p. 100).

À princípio, Descartes questiona se as ideias que tem em seu pensamento, podem ser tomadas como ideias claras e distintas e que a ideia da existência de Deus deve se apresentar ao seu espírito com tanta distinção e clareza, como se apresentam as verdades matemáticas. Sendo o conceito de Deus presente em nosso entendimento, de uma substância infinita, eterna e imutável, como poderia ser, nosso ser finito autor de tal ideia? Não sendo a ideia de infinito,

concebida por meu ser, pela negação da ideia de finito. Logo a ideia de Deus só poderia ter origem fora da minha substância pensante. Descartes também afirma que temos em nós a noção do que é infinito antes mesmo da noção de finito e que nosso conhecimento se inicia através da dúvida, e que através da dúvida conhecemos nossa imperfeição. Sendo a substância pensante imperfeita e finita, está não pode ser causa da ideia que concebo de infinito e perfeição. A substância pensante deve ser subordinada a um ser que existe e que é causa da existência dos demais seres que existem contingentemente.

Ontologicamente falando, perfeição é sinônimo de existência. Segundo *Santo Anselmo*: Na ideia de Deus está incluído a perfeição, uma das perfeições é a existência, logo Deus existe. Portanto se existe um ser que contém em sua essência todas as qualidades atributos que abarca o conceito de perfeição, esse ser existe.

Mas, ainda que de fato eu não possa conceber um Deus sem existência, não mais do que uma montanha sem vale, todavia, como do simples fato de eu conceber uma montanha com vale não se segue que haja alguma montanha no mundo, assim também, embora eu conceba Deus com existência, parece que por isso não se segue que haja algum Deus que exista; pois meu pensamento não impõe necessidade nenhuma às coisas; e como só depende de mim imaginar um cavalo alado, ainda que não haja nenhum que tenha asas, assim eu talvez pudesse atribuir a existência a Deus, ainda que não houvesse nenhum Deus que existisse. [...] ao passo que, do simples fato de eu não poder conceber Deus sem existência, segue-se que a existência é inseparável dele e, portanto, que ele existe verdadeiramente; não que meu pensamento possa fazer que isso seja assim e que imponha às coisas alguma necessidade; mas, ao contrário, porque a necessidade da própria coisa, a saber, da existência de Deus, determina meu pensamento a concebê-lo dessa forma. (Descartes, 2011, p.101-102).

Temos um conhecimento racional, a partir da reflexão acima, onde Descartes expõe que não consegue conceber uma montanha sem vale, assim como não consegue conceber a ideia de Deus sem existência, uma vez que é demonstrado que está intrínseco à essência da ideia de montanha um vale, assim como, está intrínseco à essência de Deus a existência, e essas ideias não podem ter sua origem na própria substância pensante. Logo a ideia que temos de Deus, só pode ter sido colocada em nós, pelo próprio criador, que colocou sua marca em nós, assim como artífice coloca sua marca em sua obra. Sendo o conceito de Deus tão manifesto em nosso espírito é imprimindo em nós sua ideia de infinito perfeição, logo devemos inferir que Deus existe, e que a existência não pode ser separada da essência de Deus. Portanto só nos resta inferir que Deus é a causa de toda a ideia que a substância pensante tem de perfeição, de substância corpórea e de todo mundo exterior ao seu próprio ser pensante.

CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho monográfico concluímos que a filosofia cartesiana tem por característica a fundamentação do conhecimento racionalizado. A obra *Meditações Metafísicas*, que tem por subtítulo, “A primeira filosofia nas quais a existência de Deus e a distinção real entre Alma e corpo do homem são demonstradas”, se ocupa em estabelecer um conhecimento racional sobre Deus. A obra foi fundamentada de forma a nos demonstrar tanto pelos métodos usados, quanto pelas provas demonstradas ao longo das seis meditações, a existência de Deus. Toda obra *Meditações Metafísicas*, tem por objetivo conduzir nosso espírito ao entendimento da existência de Deus. Visto a necessidade da consideração de nossas ideias dentro de um encadeamento de conhecimento racional e que não seja passível de dúvidas, esse novo conhecimento se mostra como todo o fundamento dos demais conhecimentos que temos quanto às coisas que existem no mundo. Toda filosofia cartesiana parte do princípio da dúvida, tomando por duvidosos nossos conhecimentos embasados na percepção dos objetos por abstração de ideias. Descartes propõe a suspensão total do juízo, uma vez que, segundo ele, os sentidos humanos são enganosos.

Com argumento dos sonhos, Descartes confere a consistência das verdades matemáticas como primeiro conhecimento, uma vez que se trata de coisas muito simples e gerais. Descartes prossegue, entretanto, e expõe uma radicalização da dúvida ao supor a figura de um *Gênio maligno*, enganador, e supõe a existência de um Deus enganador, que lhe permitiu se desfazer até das verdades matemáticas, restando-lhe, apenas o pensamento como um atributo de sua natureza. Logo, foi possível inferir o *Cogito*, (“*penso logo existo*”) como a primeira certeza na ordem das razões. Agora Descartes tem por constante que ele é uma coisa que pensa, e por mais que esse Deus enganador lhe engane, não poderá o enganar quanto à sua existência, pois tem por máxima que sempre que pensar, está existindo. Este é o primeiro conhecimento que Descartes nos demonstra ser concebido de forma racional, por uma inspeção no espírito.

Na sequência, vimos que Descartes conclui sua demonstração da existência de Deus partindo da ideia de inatismo, pois temos algumas ideias que nos parece ser inata e outras do gênero das que vem de fora. Sendo o ser pensante existente apenas como substância pensante, como poderia ter, em seu entendimento, a ideia de perfeição e infinito? Portanto, sua ideia só poderia provir de um ser exterior ao seu próprio ser pensante. Logo, a causa de sua ideia deveria existir formalmente fora de seu pensamento, e sendo a ideia de Deus manifesta como: infinita;

perfeita; imutável, deveria, portanto, encontrar existência em sua essência. Assim, Deus é a causa de todas nossas ideias de perfeição, finito, infinito e de tudo que existe no mundo.

Portanto toda a argumentação que é desenvolvida dentro das *Meditações Metafísicas*, desde a dúvida até a prova da existência de Deus, busca achar uma solução dentro de nosso entendimento. A razão governa o encadeamento das ideias e das certezas, Descartes desenvolve a resposta de suas perguntas no interior de seu próprio entendimento, encontramos na razão as respostas para a ocorrência de ideias inatas que imprimem em nós sua ideia. Da pergunta pela existência da ideia de Deus, inferimos sua existência, e isso nos é manifesto com muita distinção e clareza.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 5ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AQUINO, T. **Suma Teológica**; Edipro- Edições Profissionais Ltda., Bauru-SP. Edição 2000, Editora Nova Cultural Ltda.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. 3ª. edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.

_____ **Discurso do Método**, Porto Alegre: L&PM, 2009.

GUEROULT, M. **Descartes segundo a ordem das razões**. São Paulo: Discurso Editorial, 2016.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. 5.edição. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

TOMAS, S. A. **Suma teológica**. São Paulo: edições Loyola, 2002.